



NÃO SE COME DINHEIRO: UMA ANÁLISE SOBRE A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA À LUZ DO PENSAMENTO DE AILTON KRENAK

José Joelson Hipólito

Licenciando em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú

joelsonhipolito99@gmail.com

Wili Ferreira da Silva

Licenciando em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú

wili2005ferreira@gmail.com

Resumo: O artigo apresenta a crítica de Ailton Krenak à sociedade contemporânea. A sociedade é pautada por um ideal de humanidade estabelecido por uma forma de vida específica que é submetida ao viés econômico. E isto implica no desrespeito à natureza e aos outros modos de existência que não se encaixam nos valores mercadológicos estabelecidos pela sociedade. Krenak (2020) sustenta que a humanidade defendida por alguns não abarca todos os indivíduos. Essa humanidade é aquela que explora seus semelhantes a partir da lógica neoliberal. Nessa concepção, o mundo é assolado por um fantasma invisível chamado Economia, e as ações são tomadas mediante o medo deste fantasma manifestar-se instável. Diante disso, o autor destaca que a mãe terra está nos avisando que somos todos um e está demonstrando que somos um organismo vivo, assim como os demais ao nosso redor. Além disso, o Indígena sustenta que a vida não deve girar em torno da utilidade do mundo capitalista, pois a vida não tem utilidade, ela deve ser apenas vivida. Portanto, Krenak (2020) defende a necessidade de uma “consciência coletiva”, pois apenas dessa forma é possível alcançar mudanças significativas para que a humanidade deixe de ser dividida não só consigo mesma, mas também com a mãe terra.

Palavras-chave: Krenak. Humanidade. Consciência Coletiva.

Anais da XX Semana de Filosofia – UVA - Artigos

Revista Eros, Sobral, v. 5, n. 1, pp. 139-156, jan./jun. 2026.

ABSTRACT: This paper presents Ailton Krenak's criticism of contemporary society. Society is guided by an ideal of humanity established by a specific way of life that is submitted to economical bias. That implies a lack of respect for nature and for other modes of existence that do not fit within the market driven values established by society. Krenak (2020) maintains that humanity defended by some people do not embrace all individuals. This humanity is the one that exploits its fellow human beings through the neoliberal logic. In this view, the world is devastated by an invisible ghost called Economy, and the actions are taken out of fear that this ghost becomes unstable. Faced with that, the author says that mother earth is telling us that we are all one and is showing us that we are a living organism, just like the others around us. Besides, the indigenous thinker maintains that life should not revolves around the utility of the capitalist world, because life has no use, it should just be lived. Therefore, Krenak (2020) defends the necessity of a "collective consciousness", since just this way is possible to make significative changes so that humanity stops being divided not just from itself, but also from mother earth.

Keywords: Krenak, Humanity, Collective Consciousness.

Introdução

O presente texto tem como objetivo analisar a forma como Ailton Krenak, ambientalista, escritor e filósofo discute a forma como a sociedade se apresenta separada a partir de castas, dividida entre humanidade e sub-humanidade. A humanidade se encontra composta pela elite que explora tanto outros humanos quanto os demais organismos que partilham o espaço de convívio: a fauna e flora. Assim sendo, Krenak (2020) expõe que a humanidade possui um senso de superioridade em relação aos demais organismos vivos que se

encontram ao seu redor que, explorados pela humanidade, são compreendidos como a sub-humanidade.

Ressaltamos que a pesquisa sobre Ailton Krenak teve como base a obra elaborada a partir de uma roda de conversa, *Como adiar o fim do mundo* (2020), ofertada para Jornalistas Livres. Nesse horizonte, nos apropriamos de seu discurso, elaborado em meio a pandemia que assolou o mundo, para falarmos sobre o discurso neoliberal que explora vidas na sociedade contemporânea.

Diante desse cenário, visamos analisar a forma como a terra é explorada a partir de ideias capitalistas, onde as ações são guiadas pela lógica da economia. Isto posto, o autor destaca que a terra está alertando a humanidade que suas ações são nocivas e avisa, mediante a presença do COVID-19, que os seres humanos são tão frágeis quanto aqueles que eles exploram.

Vale ressaltar que, os seres humanos se encontram viciados em modernidade, uma vez que a sociedade não consegue viver sem os aparatos tecnológicos que eles mesmos criaram. Consoante a esse entendimento, a economia também é uma criação humana e é utilizada como mecanismo para ditar a realidade contemporânea.

Nesse sentido, a economia – como vimos na pandemia – possui a influência de gestar vidas e Krenak (2020) faz críticas a esse modelo de sociedade que trata todo aquele organismo vivo que não produz como algo que não possui valor. Desse modo, o Indígena nos convida a refletir sobre como é possível viver sem esse vício moderno e sustenta que a sua simples decisão de tentar mudar a realidade não alcança a realidade desejada. Ele defende que para alcançar uma realidade desejada, deve-se agir em consonância com essa realidade que almeja, mas ações em conjunto podem vir a ter resultados diferentes.

Ademais, pontuamos que a crítica que o autor trás sobre a lógica neoliberal possui uma conversa harmônica com o artigo “Vidas descartáveis: poder e biopolítica na lógica neoliberal dos tempos

hodiernos sob a ótica de Michel Foucault" (Silva, 2021), que também faz crítica a essa sociedade que vive com base na lógica do mercado, que por sua vez está intrinsecamente ligada a gestão da vida.

Ressaltamos que embora os dois autores não partam da mesma metodologia de análise, ambos destacam a presença da gestão da vida, a partir da lógica do mercado, na sociedade contemporânea. Isto posto, compreendemos a necessidade de elaborar um raciocínio amplo com base em duas perspectivas que falem sobre o mesmo assunto, objetivando uma melhor compreensão. Desse modo, o texto supracitado explicita a forma como a sociedade neoliberal gesta vida, em que os indivíduos que não pertencem as elites são descartados, ou seja, não são levados em consideração em tomadas de decisões. Pontuamos que ambas as referências abordam a forma como a lógica do mercado impacta na vida dos indivíduos e é utilizado pelos autores a Pandemia do COVID-19 como mecanismo de sustentação de suas posições em relação a crítica à lógica do mercado.

Além disso, pontuamos que Krenak (2020) defende a ideia que a vida regida pelo mercado condiciona a viver uma vida de produção. Isto posto, o autor enfatiza que a vida, no sentido natural, deve ser entendida como fruição, sem a necessidade de produção constante. Assim, a vida não existe para ser "útil", mas apenas para ser vivida. Devemos entender a vida como um peixe encara sua própria vida, ele não precisa se preocupar com a ideia de produção, ele apenas nada e é um só com os demais organismos vivos que estão ao seu redor.

1 A sociedade neoliberal na ótica de Krenak

A sociedade é rodeada de fatores para a manutenção do *status quo*, isto é, para que a realidade continue estável e não haja modificações na forma como ela opera. Isto posto, segundo Krenak (2020), devemos

observar ao nosso redor e compreender que a normatividade (as normas e critérios que disciplinam e direcionam comportamentos, práticas e processos de tomada de decisão) na qual vivemos não é algo natural. Antes, ela é criada a partir de interesses de poder, o que vem a ser prejudicial para aqueles que não fazem parte desse padrão de normatividade. Nesse sentido, o autor sustenta que “o poder, hoje, é uma abstração concentrada em marcas aglutinadas em corporações e representada por alguns humanoides” (Krenak, 2020. p. 10).

Desse modo, ressaltamos que Krenak (2020), pontua que a humanidade vive dividida por categorias, ou seja, a sociedade vive em uma espécie de humanidade e sub-humanidade, a qual podemos entender a segunda como os seres humanos que não detém o controle do *status quo*, bem como os próprios animais que são caçados em grande escala, numa escala que supera a necessidade de satisfazer a fome, e por fim, a flora que se encontra ao nosso redor.

Vale salientar que Krenak (2019) faz crítica à sociedade contemporânea, a qual um dos seus pontos principais é a crítica ao antropocentrismo. Nesse sentido, entendemos que o autor explicita que a humanidade se encontra, a partir de sua própria cosmovisão, no centro da existência. Assim, a humanidade se apropria desse discurso para explorar os recursos da natureza, que por sua vez devemos entender enquanto um ser que existe igualmente à humanidade. Por conseguinte, devemos compreender que a terra, enquanto um organismo que sente o impacto de nossas ações, é capaz de se comunicar à sua maneira.

Diante desse cenário, Krenak (2020), observa que a Pandemia que assolou o mundo, por meio do COVID-19, atingiu apenas os seres humanos, e isso demonstra a forma como a terra está se comunicando com as pessoas, afirmando que os seres humanos são frágeis e que sem oxigênio não há como permanecer vivo. Nessa ótica, é possível observar que a terra não se encontra satisfeita com essa desconcatenação que a humanidade criou para se sentir superior. Assim, devemos entender

como uma mensagem que avisa que estamos passando do limite. Nesse sentido, o indígena pontua que as pessoas estão viciadas em modernidade, pois já não sabem como viver sem os aparatos tecnológicos criados pelas próprias pessoas.

Desse modo, o Indígena explicita que vivemos em prol de uma coisa invisível chamada economia, que se manifesta a partir da criação de um sentido voltado para a ideia chamada “mercado” e sem esse sentido, o cifrão não vale nada.

[...] eles precisam de uma humanidade, nem que seja ilusória, para aterrorizarem toda manhã com a ameaça de que a bolsa vai cair, de que o mercado está nervoso, de que o dólar vai subir. Quando tudo isso não tiver sentido nenhum — o dólar que se exploda, o mercado que se coma! —, aí não vai ter mais lugar para toda essa concentração de poder. Porque a concentração, de qualquer coisa, só pode existir num determinado ambiente. [...] Acredito que essa ilusão de uma casta de humanoides que detém o segredo do santo graal, que se entope de riqueza enquanto aterroriza o resto do mundo, pode acabar implodindo (Krenak, 2020. p. 9).

Nessa linha de entendimento, conforme supracitado, compreendemos que há uma supervalorização de uma classe, aquela que detém o poder financeiro, que por sua vez aumenta a exploração daqueles que não pertencem a essa lógica econômica. Além disso, ressaltamos que esse vício em modernidade, no qual as pessoas estão imersas as afastam do planeta terra e não percebem – e outras apenas ignoram – que o planeta também é um ser vivo que caso seja negligenciado pode vir a colapsar.

O Indígena afirma que há um problema nessa exploração constante da terra e expõe sua preocupação sobre a ideia de bilionários

estarem à frente de projetos que visam o futuro dos seres humanos. Isso é exemplificado por ele com a questão sobre a colonização de novos planetas: “Eu me pergunto quantas Terras essa gente precisa consumir até entender que está no caminho errado” (Krenak, 2020. p. 14).

Nesse sentido, compreendemos que não há como haver essa humanidade dita evoluída mediante tantos erros notórios, como defender que o mercado se encontra acima de tudo, bem como explorar seus iguais. O autor ressalta que a técnica evoluiu de tal forma que o ser humano se mostrou nocivo a ponto de destruir o planeta. Desse modo, para haver perpetuação de vida é preciso uma mudança nas ações humanas e sustenta que a ferramenta para essa mudança é justamente o próprio corpo humano.

Para tal, pontuamos a importância dos sonhos enquanto um guia necessário com a nossa ligação cósmica:

Existem muitos tipos de sonhos. Se alguém me chama para fazer uma viagem, eu espero sonhar com aquilo. Se eu não sonhar com a viagem ou com um convite para sair de onde estou, significa que eu não vou. Nunca sei o que vou fazer antecipadamente. É uma orientação que pode ser pensada como mágica, mas, na verdade, é o nosso modo de vida. Enquanto perseverarmos nele, vamos continuar sendo quem somos. Essa experiência de uma consciência coletiva é o que orienta as minhas escolhas. É uma forma de preservar nossa integridade, nossa ligação cósmica (Krenak, 2020. p. 21).

À luz desse pensamento, pontuamos que o autor sustenta a ideia que estamos ligados ao cosmos, por meio dos sonhos, uma vez que a partir desses sonhos podemos criar realidades. Porém, para essa realidade se tornar legítima, é preciso produzir novos corpos, novos afetos. Além disso, conforme exposto, essa ligação cósmica implica uma consci-

ência coletiva, pois significa que essa ligação só é possível devido a estarmos conectados.

Diante desse cenário, podemos compreender que a terra e os seres humanos compõem o todo, a natureza (Krenak, 2019). Isto posto, devemos analisar que a exploração do outro que compartilha o mesmo espaço é uma problemática que deve ser abordada. Segundo Krenak (2020), alguns povos indígenas defendem que a origem da vida se manifesta a partir do entendimento que antes de sermos humanos, fomos peixes, árvores. A partir do exposto, cria-se o sentimento de pertencimento com a natureza, e por isso surge a necessidade de cuidar dos peixes, bem como a necessidade de abraçar as árvores, pois isso demonstra nosso relacionamento com a natureza, conforme expõe o autor:

Quando os povos originários se referem a um povo como “uma nação que fica de pé”, estão fazendo uma analogia com árvores e florestas. Pensando as florestas como entidades, vastos organismos inteligentes. Nesses momentos, os genes que compartilhamos com as árvores falam conosco e podemos sentir a grandeza das florestas do planeta. Esse sentimento torna a mobilizar pessoas para a ideia, que já ficou banalizada, de proteger as florestas (Krenak, 2020. p. 29).

Em razão disso, podemos analisar que o relacionamento com os demais organismos vivos se faz presente, por meio dessa ótica, devido todos serem iguais, mesmo que em corpos distintos, e isso possibilita a vivência em harmonia. Além disso, também podemos compreender, por meio do posicionamento do autor, que a decisão própria e isolada para cuidar do todo não possibilita grandes mudanças. Ademais, o pensador pontua que a decisão coletiva para tal é possível. Ele lembra que no cenário da COVID-19 foi sugerido afastamento social em prol de um bem

maior e a sugestão foi acatada – com exceção de pequenos grupos –, o que demonstra que a realidade sugerida pode vir a acontecer.

Krenak (2020) propõe o questionamento: o que leva a ser indiferente quando se trata do cuidado dos demais organismos vivos que dividem o espaço com o ser humano? Há uma indiferença dentro dessa superioridade que rodeia a humanidade. O autor pontua que “[...] se a principal marca dos humanos é se distinguir do resto da vida terrestre, isso nos aproxima mais da ficção científica que defende que os humanos que estão habitando a Terra não são daqui” (Krenak, 2020. p. 30-31). Nesse horizonte, o autor trabalha a ideia do petróleo enquanto uma fonte de combustível finita que deveria ter sido esgotada faz anos e pontua que o ser humano mesmo ciente das consequências, perpetua o consumo desenfreado dos recursos naturais pelo simples bel-prazer.

Adicionalmente, o Indígena destaca que as pessoas estão viciadas em modernidade, a qual podemos compreender enquanto a ação constante de tentar projetar sua existência em matéria para além do seu corpo. Ele exemplifica isso a partir da fotografia, que podemos compreender enquanto um registro de um dado momento de nossa existência que se perpetua fora do corpo, o que fornece uma sensação de poder, já que isso demonstra, em algum nível, a ilusão que sua existência irá continuar. Isto posto, pontuamos que tal ação afasta o indivíduo do organismo vivo da terra, e impossibilita que as pessoas possam enxergar que suas ações estão causando impacto na terra, a partir dos animais que são caçados até entrarem na lista de extinção, oceanos repletos de lixo e geleiras derretendo. Desse modo, é nítido sua preocupação em relação ao mundo que está sendo deixado para as gerações futuras (Krenak, 2019, p. 68).

À luz desse pensamento, vale pontuar que a forma como a sociedade foi construída demonstra que é importante o ser humano parar de se desenvolver e iniciar o processo de se envolver, o que compreendemos como a necessidade de se conectar não apenas com outro ser hu-

mano, mas se conectar com a terra, assim como deve se conectar com os demais organismos vivos.

Nesse entendimento, é explicitado uma incapacidade das pessoas de viverem de forma confinada dentro de seu próprio lar, pois dessa maneira a forma de perpetuar as ações supracitadas já não são fáceis de executar. Além disso, o Indígena ressalta que a pandemia não afetou tanto a rotina do povo Krenak, uma vez que ele expõe que durante o período pandêmico ele plantava milho e árvores. Assim sendo, ele trabalha a ideia que quem vive junto com a natureza e não a trata de forma agressiva, não sofre diante de cenários de confinamento, como as pessoas que vivem nas grandes metrópoles.

Desse modo, aqueles que vivem mediante uma sociedade que está intrinsecamente ligada à lógica do mercado, tende a ser afetada com maior impacto, pois as pessoas foram condicionadas a estarem sempre produzindo e parar implica uma perda de sentido pessoal, social e econômico. Desse modo, quando não há produção em excesso, existem discursos como “vai quebrar a economia”, desse modo, compreendemos que diante dessa ótica, as pessoas, em especial aqueles que não são donos dos meios de produção, viram apenas números.

Krenak (2020) explicita a ideia que o mercado é uma invenção do ser humano e pontua que a lógica do mercado não faz sentido, pois sem as pessoas, o mercado deixa de existir, logo, o mercado não é um pilar para se viver. Assim sendo, há um problema nessa forma de pensar. Isto posto, pensar a partir da lógica mercadológica implica a perda da noção principal sobre o que é ser humano e sobre o que é de fato viver.

Desse modo, no mundo moderno o ser humano só possui valor enquanto um indivíduo produz e caso não produza, significa criar as condições para sua própria morte. Nesse sentido, destacamos que ideia mercadológica criticada pelo autor é uma – se não a principal- causadora dos problemas que rodeiam a sociedade atual.

Ademais, ao tratar sobre a realidade pandêmica, Krenak (2020) observa a forma como a sociedade gira em torno da lógica do mercado e expõe, a partir das ideias de Michel Foucault, a maneira como o mercado sempre vem primeiro e quais seus impactos a partir dessa perspectiva. Isto posto, observamos que o mercado vem em primeiro em relação a qualquer ser humano, como podemos observar mediante o período pandêmico.

2 A gestão da vida em Michel Foucault

Consoante essa interpretação, podemos dialogar com o autor francês Michel Foucault, a partir do artigo "Vidas descartáveis: poder e biopolítica na lógica neoliberal dos tempos hodiernos sob a ótica de Michel Foucault" (Silva, 2021), em que é exposto a forma como a sociedade atual age mediante a lógica neoliberal, que está intrinsecamente ligada a Biopolítica. Podemos compreender a biopolítica como a forma de gestar a vida, em que a lógica que prevalece é a do mercado, no qual aqueles que são abastados valem mais na sociedade.

Diante disso, vale ressaltar que, sob essa ótica, a verdade que prevalece é a do mercado. Assim, é exposto que "Na lógica neoliberal o que se protege são bens. São processos de produção, são relações comerciais, são produtos" (Silva, 2021. p. 246). O pensamento do autor sustenta a ideia que os corpos valem mediante a sua produtividade, como vimos na obra de Krenak (2020). Desse modo, compreendemos que a humanidade age mediante uma lógica que não abrange todos os seres, uma vez que poucos pertencem a essa casta que possui bens.

Diante desse cenário, (Silva, 2021) expõe que, para a manutenção da lógica neoliberal, a elite e seus representantes políticos se apropriam de discursos que tratam os menos abastados como figuras descartáveis:

A naturalização da morte como descarte é a constatação do horror dos nossos tempos. Claro que morrer é natural, não se trata de negar isso. O que está em jogo aqui é o morrer como descarte, como determinante biopolítico, na qual quem vai morrer já não é um dado natural, mas uma decisão estratégica de administração da existência, controle da vida e ordenamento do convívio (Silva. 2021. p. 248-249).

À luz desse pensamento, é possível observar que as vidas além de separadas, elas valem a partir de sua participação no mundo capitalista. Isto posto, aqueles que possuem o título de “descartáveis” vivenciam uma realidade completamente distinta daqueles que compõem a realidade elitista. Além disso, observamos a forma como aqueles que são a margem da sociedade são vistos pelas demais pessoas.

Nesse horizonte, podemos compreender que os indivíduos que que estão à margem da sociedade são tratados como diferentes, e tratados quase como não humanos, pois são recepcionados de formas distintas em uma mesma sociedade. Isto posto, destacamos que a biopolítica encontra-se presente na situação de negligência ao genocídio.

Pontuamos que além de muitos serem mortos, ainda há aqueles que permanecem na sociedade, mas são tratados com indiferenças. E aqui destacamos o conceito de *Arquitetura Hostil*, enquanto construções pensadas para impedir os indivíduos em situação de rua de transitarem e morarem perto dos grandes centros, uma vez que a presença deles representam uma ameaça para o mercado local. Desse modo, o conceito é utilizado no referido artigo, pois a gestão da vida age desde o abandono até o assassinato (cf, Silva. 2021. p. 251). Embora não seja um conceito trabalhado diretamente por Foucault, se torna válido mencionar, uma vez que se trata de gestão da vida.

Devemos analisar a arquitetura hostil como um mecanismo de gestão da vida, que é utilizado para afastar corpos indesejados dos gran-

des centros urbanos, que pode ser reconhecida a partir de estruturas como bancos que não possuem uma superfície plana, que tem como objetivo impossibilitar que alguém descanse ou durma no local. Ademais, também podemos pontuar casos de rochas colocadas estrategicamente debaixo de viadutos, com o objetivo de impedir que pessoas em situação de vulnerabilidade social se abriguem, o que é devastador, pois além de já estarem à margem da sociedade, ainda tiram o teto de quem já mora na rua.

Nesse horizonte, ressaltamos o perigo de morte que as pessoas que se encontram em vulnerabilidade social correm ao viverem nas ruas, sem os direitos que lhes são negados. Em razão disso, o autor expõe que:

De algum modo, os moradores de rua representam bem os corpos indesejados, que não devem constituir a vida na cidade, pois destoam da estética desejada e ocupam o lugar privilegiado das transações comerciais. Neste contexto, a vida fica em segundo plano, em favor da lógica do famigerado mercado. Se os moradores de rua, em suas vidas limites, são de alguma forma uma ameaça, a solução biopolítica mais prática é o extermínio, que aos poucos vai se realizando, desde o abandono, na ausência de políticas públicas até o assassinato (Silva, 2021. p. 251).

Diante do exposto, compreendemos que os indivíduos não possuem o aparato que deveriam do estado, uma vez que muitos projetos de arquiteturas hostis nascem a partir de iniciativas do próprio poder público. Desse modo, é perceptível que a lógica neoliberal já não permeia apenas a economia, mas se encontra presente também na política. De algum modo, a noção biopolítica de Foucault (Foucault, 2017) de que os biologicamente perigosos deveriam morrer, entra em cena.

Podemos compreender que a Pandemia é um exemplo dessa gestão da vida, pois a partir desse ocorrido foi perceptível que a lógica do mercado se encontra presente de tal maneira que os CNPJs, sejam eles de pequeno ou grande porte, foram priorizados e isso assolou um número incomensurável de indivíduos que necessitavam de auxílio em meio ao caos que fez o mundo parar. Dessa maneira, podemos perceber a forma como os mecanismos de poder se dirigem para aquilo que reforça sua capacidade de dominação (Foucault, 2017).

Percebemos que tal afirmação pode ser confirmada mediante o atraso na compra de vacinas, no uso de medicamentos sem comprovação para solucionar o caso do COVID-19, bem como a indiferença com a população menos favorecida que compõem o Brasil. Diante do tratamento dessa parcela da sociedade, é notório a forma como aqueles que estão à margem da sociedade viraram apenas números.

Consoante esse pensamento, o indígena pontua que “Vemos algumas pessoas defenderem a manutenção da atividade econômica e agindo com falta de empatia com o próximo, dizendo que “alguns vão morrer” e é inevitável” (cf. Krenak, 2020. p. 45). Compreendemos que embora ambos os autores não se apropriem dos mesmos conceitos, ambos partem do mesmo ponto, bem como ambos fazem críticas à lógica do mercado que dita as regras da vida.

O cenário em que os humanos se encontram é cruel e devemos observar que é sistemático, pois os seres humanos foram ensinados que o mundo acontece mediante sua ótica do mercado, bem como a ótica do homem branco. Compreendemos, com base na perspectiva do autor, que as pessoas deixaram de ensinar seus filhos sobre as próprias raízes – ou melhor, sobre as raízes sem a romantização do homem branco -, o que implica em uma falta de consciência sobre a sua ancestralidade.

Ademais, Krenak (2020) pontua que a educação não forma o sujeito enquanto um conhecedor de sua história, ou seja, a sociedade atual não nutre suas futuras gerações com o conhecimento de suas raízes,

mas apenas como sujeito fruto do *status quo* para atuar nesse mundo que já se encontra caótico. Assim, é explicitado que os pais abdicaram do direito de educar seus filhos com base no que aprenderem e dessa forma a conexão com a ancestralidade se tornou uma linha tênue. Além disso, o autor expõe que o diálogo sobre ancestralidade se tornou tão incomum que “Hoje, quem fala em ancestralidade é um místico, um pajé, uma mãe de santo, porque as “pessoas de bem” saíram de um MBA em algum lugar e não vão ficar falando esse tipo de coisa” (Krenak, 2020. p. 55).

Nesse horizonte, podemos observar a forma como a história está rodeada de contextos colonizadores, desde a arquitetura de uma simples casa, até a história de um povo originário que foi alvo de apagamento histórico, cultural e territorial. Diante de tal cenário, o autor destaca quem compõe a sub-humanidade:

Esta é a sub-humanidade: caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes. Existe, então, uma humanidade que integra um clube seletivo que não aceita novos sócios. E uma camada mais rústica e orgânica, uma sub-humanidade, que fica agarrada na Terra. Eu não me sinto parte dessa humanidade. Eu me sinto excluído dela (Krenak, 2020. p. 44).

É possível compreender que, os povos originários foram silenciados de tal maneira que atualmente é incomum falar sobre ancestralidade, algo que é comum entre os povos indígenas, tornou-se escasso na sociedade urbana, o que demonstra que a sociedade atua sem conhecer/se importar com a trajetória dos povos originários.

Ademais, Krenak (2020) destrincha a ideia que para haver uma real noção sobre o que é estar vivo é preciso passar por uma catástrofe. Isto posto, podemos observar que os povos originários por conseguirem passar por grandes crises, tem muito a ensinar sobre como se relacionar

com a terra, uma vez que eles possuem um senso de pertencimento maior que os seres humanos que vivem nas grandes metrópoles em relação a natureza.

Por conseguinte, é enfatizado que o ser humano se encontra em meio a uma catástrofe e deveria agir de maneira distinta, já que conheceu o quão frágil é a sua vida. Além disso, o autor sustenta que a vida não é nada disso que conhecemos enquanto uma vida utilitária, a qual está atrelada a produção de algo.

Conclusão

Por fim, compreendemos a denúncia que o indígena faz ao explicitar que a contemporaneidade está intrinsecamente ligada a invenção humana chamada economia, conforme supracitado. Além disso, ressaltamos a importância do reconhecimento de nossas raízes, nossa ancestralidade enquanto um pilar fundamental na construção do ser humano. Isto posto, a humanidade deve compreender que nossa ligação com a terra é única e deve ser entendida e respeitada a tal ponto que a exploração do outro deixe de existir.

Captamos a crítica do Indígena enquanto um símbolo de resistência nessa realidade que vive mediante a verdade econômica, a qual é responsável por construir, a partir da gestão da vida, identidades distintas e separadas uma das outras. Desse modo, criando tipos de figuras, em que umas valem mais que as outras. Além disso, conforme supracitado, essa forma que a contemporaneidade se encontra faz o indivíduo sentir a necessidade de ser produtivo, o que leva a uma ideia da vida precisar ter uma utilidade, ou seja, a pessoa é induzida a pensar que sua vida vale apenas mediante sua produção.

No entanto, compreendemos que “A vida é fruição, é uma dança, só que é uma dança cósmica, e a gente quer reduzi-la a uma coreografia

ridícula e utilitária” (Krenak, 2020. p. 57). Isto posto, O autor faz uma crítica ao modelo de sociedade que construiu a ideia que uma “vida vivida” é aquela que você constrói uma trajetória. A vida não é útil, ela deve ser apenas vivida em harmonia com os demais organismos que dividem o espaço, o que implica não explorar os recursos ou os demais organismos presentes na natureza.

Para tal, o Indígena compara a realidade de um peixe, em que “Nunca vai ocorrer a um peixinho que o oceano tem que ser útil, o oceano é a vida” (Krenak, 2020. p. 58). Desse modo, é exposto que a vida para o ser humano deveria ocorrer na mesma de um peixe que não se preocupa em manter sua vida enquanto algo útil, ele apenas vive e aproveita sua casa. Assim sendo, podemos perceber-se que o sentido utilitarista da vida que é entendido enquanto real atualmente deve ser desconsiderado, pois a inutilidade da vida é que realmente deve ser tomado como fundamento para assim deixarmos de ser escravo de nossas próprias criações.

Podemos asseverar que a sociedade contemporânea, a qual está à serviço da lógica do mercado, se encontra intrinsecamente ligada à desordem social, econômica e histórica que tange a nossa realidade. Isto posto, compreendemos, por meio do posicionamento de Ailton Krenak, a gravidade da problemática explicitada no referido texto.

Referências

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria T. da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 4º ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2017.

KRENAK, A. *A vida não é útil* — Texto elaborado a partir de conversa “Como adiar o fim do mundo”, O Lugar, 18 mar. 2020; live com os Jornalistas Livres, 9 jun. 2020; e entrevista a Fernanda Santana, “Vida sustentável é vaidade pessoal”, diz Ailton Krenak”, Correio, 25 jan. 2020.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo* – 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, R. G. A. Vidas descartáveis: poder e biopolítica na lógica neoliberal dos tempos hodiernos sob a ótica de Michel Foucault. *Cadernos Cajuína*, V. 6, N. 1, 2021, p. 245-255.